

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: O *BULLYING* COMO FORMA VELADA DE VIOLÊNCIA

Maria Teresa Silveira ZOEGA

Mirivaldo Antonio ROSIM

O homem não é um ser – substância de quem poderíamos descrever e coisificar as atitudes e comportamentos. Não é um ser estático e acabado, cujo comportamento teria o privilégio de assemelhar-se à sua essência, isto é, a uma definição de seu ser inscrita na “natureza humana”. Porque antes de se constituir um ente como outro qualquer o homem é um existente que se constrói constantemente por sua presença no mundo: é um ser histórico, em devir, e sempre se coloca em questão. (Hilton Japiassu, 1985)

RESUMO

Eventos trágicos têm chamado a atenção dos especialistas e do público em geral para a questão do *bullying* nas escolas. Este artigo trata de pesquisas sobre o tema, feitas em outros países e no Brasil, e do combate ao *bullying*.

O professor Dan Olwens, da Universidade de Bergen, na Noruega foi, com certeza, o pioneiro dos estudos sistemáticos do *bullying* e de seu combate. O professor Olwens inicia, nos anos 70, estudo sobre os agressores e suas vítimas na escola, diga-se de passagem, despertando muito pouco interesse das instituições educacionais de seu país. Nos anos 80, entretanto, com o suicídio de três jovens entre 10 e 14 anos, o problema passou para a ordem do dia.

Dan Olwens pesquisou uma amostra de 84.000 estudantes, de 300 a 400 professores e 1000 pais, nas diferentes faixas etárias, para verificar as características e extensão do *bullying*, bem como para avaliar as intervenções realizadas. Pressionado pelo tempo, lançou mão de um questionário para apurar as situações de vítimas/agressores segundo o ponto de vista da própria criança/adolescente.

Com os primeiros resultados da pesquisa em 1989, constatou-se que um em cada sete estudantes estava envolvido em casos de *bullying*. Mais para frente, em 1993, Olwens publicou o livro *Bullying at School* (1993), onde propõe políticas de intervenção e faz um diagnóstico de sinais ou sintomas possíveis de agressores e vítimas. Com o apoio do governo da Noruega conseguiu implantar um programa de combate ao *bullying* nas escolas que reduziu em 50% sua ocorrência.

Seguindo esses passos, Reino Unido, Canadá e Portugal despertaram para o problema e desenvolveram inúmeras ações com sucesso. O mesmo foi pouco a pouco ocorrendo em outros países. Citando apenas alguns casos, podemos mencionar: “The Des Sheffield Bullying Project”, na Inglaterra; a “Campanha Antibullying nas Escolas Portuguesas” e o “Programa de Educação para a Tolerância na Espanha”. Em 1999, nos Estados Unidos, na Columbine High School, dois jovens atiraram e mataram 13 pessoas entre colegas e professores, suicidando-se em seguida. Esta experiência traumática impulsionou um programa antibullying. A partir de 2001, na Comunidade Econômica Européia, implementou-se um projeto intitulado “Training and Mobility of Research (TMR) Network Project: Nature and Prevention of *Bullying*”, abrangendo campanhas do Reino Unido, Portugal, Itália, Alemanha, Grécia e Espanha...

A partir de então muitos estudos foram realizados. Na Universidade de Oxford, a cientista política Rachel Simmons iniciou uma pesquisa sobre *bullying* feminino que culminou no livro *Garota Fora de Jogo*, publicado em 2002 e recentemente lançado no Brasil (2004). A autora constatou que a cultura de opressão contra as mulheres faz com que expressem a raiva de forma velada e, muitas vezes, de maneira cruel. Ela própria afirma na introdução ter sido vítima com apenas oito anos de idade. Marie Nathalie Beaudoin e Maurren Taylor no livro *Bullying e Desrespeito: Como Acabar com Essa Cultura na Escola*, desenvolveu uma estratégia que leva em conta os “bloqueios contextuais”, que acabam exacerbando os problemas do desrespeito e do *bullying*: a competição, as regras, a avaliação e a ênfase exagerada em relação às conquistas são alguns destes “bloqueios”. Ou seja, o próprio ambiente escolar produz esta violência... Segundo ela, é uma abordagem ampla, que não põe a culpa nem na cultura, nem nos indivíduos, isoladamente. É necessário levar em conta a interação de múltiplos fatores. Narra diversos casos de *bullying* e suas consequências e o trabalho desenvolvido com cada aluno, em torno da questão do *bullying*, salientando a importância de trabalhar com o contexto no qual as vítimas e os agressores representam suas histórias de vida. Marie Nathalie conclui que “O *bullying* e o desrespeito tendem a desaparecer onde haja um clima de atenção e de vínculo entre as pessoas” (BEAUDOIN; TAYLOR, 2006)

Também no Brasil, eventos trágicos têm chamado a atenção dos especialistas e do público em geral para a questão do *bullying* nas escolas. Em 2003, o estudante Edmar Freitas, de 12 anos, atirou em 50 pessoas, em uma escola estadual de Itaiuva, cidade do interior do Estado de São Paulo, suicidando-se em seguida. Em 2004, na cidade de Remanso, no Estado da Bahia, um adolescente de 17 anos matou dois e feriu três porque sofria humilhações.

Também em nosso país, a partir de 2006, começaram a ser implantados, em muitas escolas, programas de prevenção ao *bullying* que tanto prejudica a autoestima do estudante e afeta, profundamente, o processo de aprendizagem. Merecem destaque: “Projeto Vida” das escolas municipais de São Paulo; “Comunidade Presente”, desenvolvido pelas escolas públicas do Estado de São Paulo; Colégio São Luís; Colégio Magister, em Interlagos; Escola Pacaembu; Jardim Lindóia, RS; Colégio Alberto Einstein, de Guaratinguetá.

A ABRAPIA (Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência), com o patrocínio da Petrobrás, desenvolve um programa para diagnosticar e implementar ações efetivas para a redução de comportamentos agressivos entre estudantes das escolas do município do Rio de Janeiro.

O combate ao *bullying*, felizmente, está crescendo e cada vez mais faz parte da mídia. A revista *Smack* (nov. 2004) iniciou uma campanha antibullying e convidou seus assinantes – em geral adolescentes e jovens – a participar dizendo *não* à agressão dentro da sala de aula. Seu *slogan* é “não engula sapo!”, e incentiva seus leitores a não aguentar gozações dos colegas e muito menos dar risadas quando alguém está sendo zoado. Promove também os “cinco mandamentos da sala amiga”.

Durante o Congresso Ibero-Americano (abril/04), foi apresentada uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre violência em escolas brasileiras denominada “Vitimização nas Escolas: Clima Escolar, Roubos e Agressões Físicas”, a qual nos mostrou a obviedade de que “entre cadeiradas, roubos e um clima de insegurança, a escola pública brasileira está longe de ser um espaço democrático e igualitário”. A pesquisadora Míriam Abramovay funda, com o apoio da

UNESCO e da Universidade Católica, em 2002, o Observatório de Violência nas Escolas do Brasil, plugado ao Observatório Internacional de Bordeaux, na França, pois o tema, violência nas escolas, era muito pouco debatido no Brasil. Entre o final de 2003 e início de 2004, realizou novas pesquisas sob o título “Cotidiano das Escolas: Entre Violências”, que apontam para uma visão positiva da escola, por parte dos alunos, apesar de quase 90% deles já terem sofrido alguma forma de violência. Por outro lado, apenas 10% afirmam que a relação com os pares é péssima ou ruim, quando 51% alegam que é boa. Mas, atenção, parece haver um impasse, já que reconhecem que é boa mas apresenta, concomitantemente, uma incidência muito grande de brigas, xingamentos, brincadeiras sem graça e apelidos. Por outro lado, na relação aluno-professor, a pesquisa constatou algo parecido: 10% de péssimo e 47% de bom, assinalando também os mesmos incidentes anteriormente mencionados. O principal aspecto observado pela pesquisa é o medo dos professores em relação às ameaças sofridas.

Esta pesquisa entrevistou cerca de 1400 pessoas, 1069 questionários foram respondidos por alunos e outros 1927 por adultos de 113 escolas de São Paulo, Porto Alegre, Belém, Rio de Janeiro e Distrito Federal. No livro *Violência nas Escolas*, Miriam Abramovay (2007) afirma que “com a pesquisa, pudemos observar que a violência nas escolas está presente nas ameaças, nas relações. É a violência da briga, do insulto, do bater, que abre caminho para que outros tipos de violências mais graves entrem nas escolas. Dessa forma, pequenos conflitos podem causar grandes problemas”.

Temos que reconhecer, entretanto, que a primeira tentativa de promover estudos sobre o *bullying*, em nosso país, surgiu com o trabalho da professora Marta Confield e colaboradores, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 1989, quando se pesquisaram quatro escolas de ensino público, usando uma forma adaptada do questionário de Dan Olwens, e, a partir de então, os esforços para dar um encaminhamento à questão da violência têm sido crescentes e, pouco a pouco, estão se generalizando.

Em 2000, o professor Israel Figueira, usando, também, a forma adaptada do questionário do professor Dan Olwens, levantou dados em duas escolas municipais do Rio de Janeiro. Em 2002, por sua vez, a ABRAPIA realizou pesquisa envolvendo 6000 estudantes de 5ª a 8ª séries. Também, em São José do Rio Preto, a professora Cleo Fante, de 2000 a 2004, entrevistou aproximadamente 2000 alunos da rede pública e constatou que 20% foram vítimas de *bullying*, e cerca de 80% dos agressores haviam sido vítimas da violência doméstica, e, por isso, 71% repetiam a violência sofrida, contra os irmãos menores ou colegas de escola. Por outro lado, constatou que a maioria dos maus tratos foram praticados pelos meninos (64%), na seguinte distribuição: 52% apelidos, 21% ameaças, 12% furtos, 9% agressões físicas, 5% exclusões do grupo.

Cleo Fante, em seu livro *Fenômeno Bullying: como Prevenir a Violência e Educar para a Paz* (2005), propõe um programa, extremamente prático, a ser desenvolvido nas escolas, denominado “Educar para a Paz”.

Temos, também, a monografia de Diva Bianchi e Juliana Hautzinger (2004), que relata pesquisa feita com as séries finais do ensino fundamental de uma escola no bairro Jardim Lindóia, de Porto Alegre, cujos objetivos principais foram: “identificar possíveis causas e a forma como se dá a violência escolar, assim como reconhecer as causas e conseqüências da violência escolar e, finalmente, encontrar os níveis que caracterizam o *bullying*”. O estudo constatou que 40% dos alunos sofriam ou praticavam *bullying*. Tratou-se de uma pesquisa participante, acompanhada de uma campanha antibullying na escola, cujos resultados foram

animadores. Segundo as autoras, “[...] através de um trabalho dinâmico, dialético com todos os setores envolvidos, levando à conscientização das pessoas dos problemas, conseguimos diminuir a ação do *bullying* em nossa escola. As queixas começaram a diminuir, as agressões também, percebeu-se um maior aumento nas relações pessoais em todos os setores: professor-professor, professor-aluno, escola-família, aluno-aluno.”

Por sua vez, o artigo de Celso Antunes (2005), “*Bullying – Ainda Há Tempo*”, traz uma série de dados quantitativos sobre o *bullying*, levantados em diferentes escolas do país, que apontam os seguintes resultados: 55% a 60% testemunharam atos de *bullying*; 15% a 20% são vítimas; 10% a 15% praticam; 10% praticam e são vítimas. Entre vítimas, praticantes e praticantes e vítimas, alcança-se um total de 45%, resultado não distante daquele obtido no Rio Grande do Sul.

É neste contexto que se situa o projeto que estamos desenvolvendo, a partir de 2006, em nossa escola, o Colégio Objetivo de Porto Ferreira, denominado “O Respeito é Uma Prova de Amizade: Diga Não ao *Bullying*”, sobre o qual dissertaremos em seguida.

Antes, porém, buscaremos o significado deste anglicismo, que pode chocar os ouvidos mais nacionalistas. O *Mini Collins*, dicionário português-inglês/inglês-português, define o substantivo *bully* algo assim como valentão, cujo verbo transitivo significa, entre outras coisas, intimidar, tiranizar. Como particípio presente ou como adjetivo, a terminologia *bullying* tem sido adotada para nomear todo tipo de comportamento agressivo, cruel, intencional, repetitivo, que ocorre muitas vezes sem motivo aparente e que intimida, fere, persegue, causa dor e angústia nas vítimas. A ABRAPIA adota esse conceito e considera que o *bullying* expressa uma relação de poder e sintetiza as mais diversas formas de atitudes agressivas, tais como zoar, excluir, gozar, colocar apelidos, xingar, ignorar, discriminar, humilhar, ofender, fazer sofrer, perseguir, amedrontar, agredir.

Difícilmente encontraríamos em português um termo tão abrangente, motivo pelo qual se convencionou usar o termo inglês para tratar destes casos.

Atitudes agressivas podem, então, ser diversas, e seu grau varia de acordo com as pessoas vítimas, uma vez que, plagiando Ortega e Gasset, “cada um é cada um e suas circunstâncias”. O desequilíbrio de poder entre os pares é a causa essencial que torna possível a intimidação da vítima. Todas as culturas apresentam algum tipo de *bullying*, e estas práticas são iniciadas na infância-adolescência.

No Brasil, pesquisas indicam que sessenta por cento dos casos ocorrem na sala de aula. De fato, o *bullying* está presente em toda e qualquer escola, basta querer “enxergá-lo” e não deixá-lo passar como algo próprio da idade, que se esvai com o tempo, espontaneamente... Segundo os psicólogos, as consequências desta atitude podem ser graves, visto que a adolescência é uma fase de transição onde as transformações são intensas e a baixa autoestima é uma das características dominantes da “síndrome da adolescência normal”, o que torna o jovem ainda mais suscetível ao *bullying*. O *bullying* pode marcar, portanto, toda uma existência.

Estudos mostram, também, uma relação entre *bullying* e delinquência. É fácil compreender que uma criança ou adolescente vítima de humilhações e xingamentos poderá tornar-se adulto agressivo e com problemas de relacionamento, por não superar, parcial ou totalmente, os traumas sofridos. Poderá, mais tarde, praticar ou sofrer o *bullying* no trabalho. Poderá,

também, em casos extremos, cometer o suicídio ou, então, levar para sua casa e seu trabalho atitudes agressivas.

Os Estudos observam, também, que as testemunhas apresentam um comportamento passivo, diante de um clima de tensão, temerosas de serem as próximas vítimas. Todos os estudos analisados descrevem as seguintes características dos diferentes papéis verificados no *bullying*:

- sujeitos alvos: normalmente não reagem às agressões, já que um forte sentimento de insegurança os impede de pedir ajuda. Em geral, têm poucos amigos, são passivos e quietos. Este contexto de baixa autoestima é agravado pela agressão e pela indiferença dos adultos em relação à questão;
- sujeitos autores: normalmente, os que praticam o *bullying* são pertencentes a famílias em que o relacionamento afetivo é pouco ou ausente; parece que seus pais oferecem com modelo para solucionar os problemas a agressividade e/ou o comportamento explosivo;
- sujeitos alvos/autores: são os que ora sofrem ora praticam situações de *bullying*;
- testemunhas: em geral, são os que presenciam as situações de *bullying* e não reagem por sentirem-se coagidos e com receio de serem os próximos a sofrerem-no.

Enfim, armados de todos esses conhecimentos conceituais, metodológicos e técnicos sobre o *bullying*, passamos, desde o ano letivo de 2006, a desenvolver, em nossa escola (Colégio Objetivo de Porto Ferreira), uma série de ações visando ao combate permanente a esse tipo de violência velada que tanto prejudica a aprendizagem e o bom funcionamento da escola.

Inicialmente, foi feita uma pesquisa diagnóstica aplicando o questionário de Dan Olwens, já adaptado para outros estudos, por outros autores, e também com algumas pequenas alterações feitas por nós, para atender à especificidade do nosso caso. Os resultados alcançados não diferem dos dados obtidos pelos estudos anteriormente relacionados: 43% de nossos alunos declararam já terem sofrido alguma forma de *bullying*; 20% declararam-se agressores; 26% agressores e vítimas. Um dado revelado pelo questionário e que nos deixou chocados foi que 26% dos alunos declararam terem sofrido *bullying* dos professores. E isto numa escola particular onde os alunos são também considerados clientes. Muitas vezes, nós, professores, não avaliamos o dano que podemos causar com nossas chacotas “inocentes”. Outros dados revelados pela pesquisa mostraram que o relacionamento em casa, sobretudo com irmãos, é marcado por um ambiente de bastante agressividade (21% implicam e 24% são vítimas). Tudo isso terá que ser (e foi) trabalhado na campanha e nas demais ações desenvolvidas com base neste diagnóstico. Os professores, os pais, os funcionários foram conscientizados dos problemas decorrentes destas formas camufladas de violência, e hoje o combate ao *bullying* faz parte do projeto pedagógico da nossa escola, o que tem melhorado significativamente nosso ambiente escolar.

Para finalizar, vamos apresentar o logotipo e o *slogan* ganhador do concurso, selecionado inicialmente pelas classes e depois por toda a escola. Cartazes foram espalhados pelos corredores e pátio, e divulgados na imprensa local, o que tem ajudado muito na mobilização de todos:



ABSTRACT

Tragic events have drawn attention on the problem of the bullying in schools. This article is about researches on the theme and about preventing the practice of bullying.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M.G. **Violência nas escolas**. 4.ed. UNESCO; Instituto Airton Senna; UNAIDS; Banco Mundial, 2007.

BEAUDOIN, M.N.; TAYLOR, M. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**: Porto Alegre: Artmed, 2006.

BIANCHI, D; HAUTZINGER, J. **Violência e algumas implicações no contexto escolar**. Porto Alegre: 2004. Monografia.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência e educar para a paz**. 2.ed. Campinas, SP: Verus, 2005.

JAPIASSU, H. **A revolução científica moderna**. Rio de Janeiro, Imago, 1985.

OLWENS, D. **Bulling at school**. Oxford: Blackwell, 1993

SIMMONS, R. **Garota fora do jogo**. Trad.: Talita M. Rodrigues. São Paulo: Rocco, 2004.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

ABRAPIA. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. **Bullying** (online). Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <<http://www.bullying.com.br>> Acesso em: 28 ago. 2009.

CAFARDO, R. Escolas paulistas tentam acabar com provocações que afetam auto-estima dos estudantes. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 14 mar. 2005.

CURY, A.J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

ESQUERDO MORENO, C. **Educar em valores**. São Paulo: Paulinas, 2001.

FELTRIN, A.E. **Inclusão social na escola**: quando a pedagogia se encontra com a diferença. São Paulo: Paulinas, 2004.

FURLANETTO, E.C. Alquimia de ser professor. In: PASCALE, R.; LARA, W. (Org.). **Relações do ensinar**. São Paulo: Paulus, 2004.p. 4-9.

GONÇALVEZ, N.Z.N. Como as ostras. **Jornal Expressão**, Porto Ferreira, SP, p.7, fev. 2005.

GROPPA, J.A. (Org.). **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

LOBATO, E. Maldade de menina. **IstoÉ Online**, São Paulo, 22 set. 2004. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1824/comportamento/1824_maldade_de_menina.htm> Acesso em: 28 ago. 2009.

PAULA, J. **Um dia sonhei minha realidade**: coletânea da obra de Jairo de Paula. São Paulo: J.P. Editora, 2003.

PERSEGUIÇÃO preocupa escolas. **Portal Aprendiz**, São Paulo, 13 mar. 2005. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br/content/fruphucisw.mmp#>> Acesso em: 28 ago. 2009.

RAZZAK, S. O perigo mora dentro da sala de aula. **Paraná Online**, Curitiba, 19. jul. 2008. Disponível em <<http://www.parana-online.com.br/editoria/mundo/news/126598/?noticia=O+PERIGO+MORA+DENTRO+DA+SALA+DE+AULA>> Acesso em: 28 ago. 2009.

TIBA, I. **Disciplina**: limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELLOS, C. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola: São Paulo: Libertad, 1995.